

LIMA BARRETO ENTRE LUTAS DE REPRESENTAÇÃO

Carlos Alberto Machado Noronha
Professor da Educação Básica
E-mail: calhis2@yahoo.com.br

Palavras-chave: Lima Barreto. Rio de Janeiro. Modernização. Representação.

Afonso Henriques de Lima Barreto foi um escritor que viveu entre 1881 a 1922 na cidade do Rio de Janeiro, produzindo seus textos entre os anos de 1902 a 1922. Mulato, de origem pobre, conseguiu com muita dificuldade concluir seus primeiros estudos com certa desenvoltura. No nível superior, deparou-se com problemas relacionados às condições de sobrevivência de sua família e outros decorrentes de suas relações na Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Diante disso, não concluiu o curso de Engenharia e teve que trabalhar como amanuense na Secretaria de Guerra para garantir o seu sustento e de sua família. Contudo, isso não o impediu de se dedicar também a sua grande paixão: a literatura (BARBOSA, 1975, p. 117-120).

A sua trajetória nesta atividade, marcada por discriminações e dificuldades financeiras, foi sendo traçada a partir da leitura de autores internacionalmente reconhecidos como Balzac e Dostoiévski e dos contatos com outros intelectuais brasileiros, através dos quais estabeleceu relações de amizade e/ou colaborou na publicação de periódicos. Além disso, apresentava uma sensível e indignada observação do cotidiano a sua volta (BARRETO, 1961a, p. 33-38). Isso o levou a desenvolver uma escrita diferenciada em relação aos demais literatos de sua época, a qual se revelava extremamente preocupada com as transformações pelas quais passava a cidade do Rio de Janeiro.

Na conferência proferida em Rio Preto (Estado de São Paulo) por ocasião de sua estada em Mirassol em 1921 e publicada, originalmente, no mesmo ano na *Revista Sousa Cruz* no Rio, Lima expõe claramente sua perspectiva utilitarista de Literatura. Ancorado em autores como Taine, Tolstoi, Brunetière, Dostoiévski, afirma:

[...] a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as

qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e nos compreendermos; e, por aí, nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim. [...]

Atualmente, [...], não devemos deixar de pregar, seja como for, o ideal de fraternidade, e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles.

E o destino da Literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina (BARRETO, 1961b, p. 67-68).

Essa concepção de literatura se contrapunha à predominante naquele momento que estava preocupada com questões gramaticais e estilísticas. Além disso, exigia do escritor visão crítica da realidade social, ou seja, uma produção literária militante.

Desse modo, Lima Barreto utilizou uma linguagem simples, despojada e com grande capacidade de síntese, o que revela sua apropriação do “fenômeno cultural que dividia com a ciência a hegemonia das convicções” no início do século XX: o jornalismo (SEVCENKO, 2003, p. 198). Com essa linguagem, ele escreveu romances, contos e atuou na imprensa com artigos e crônicas, voltando-se para questões relacionadas ao uso do espaço urbano, discriminação racial, construção da identidade nacional e papel do literato na sociedade.

Essas questões estavam, por sua vez, relacionadas ao projeto do regime republicano em transformar o Brasil num país moderno. As condições para que esse projeto fosse levado à frente se apresentaram logo após o saneamento das finanças do país ocorrido no governo de Campos Salles (1898-1902). O seu sucessor, Rodrigues Alves (1902-1906), pôde, então, promover as mudanças destacadas no seu Manifesto à Nação, divulgado em 15 de novembro de 1902 (BENCHIMOL, 2003, p. 233-286).

Nessa declaração, o saneamento da capital federal foi considerado a prioridade para a transformação do país numa auspiciosa economia capitalista. Desse modo, a cidade do Rio de Janeiro passou por um intenso processo de modernização cujos principais melhoramentos foram as remodelações de seu porto (isso facilitaria o comércio do café e imigração de mão-obra necessária ao desenvolvimento econômico) e do seu centro, este a partir da construção de uma avenida central, que possibilitaria a transformação da cidade colonial numa metrópole parecida com Paris.

Com o auxílio do engenheiro Pereira Passos, designado por Rodrigues Alves para a prefeitura da capital, são iniciadas várias obras: a destruição de casarões e outras edificações antigas do centro da cidade; a construção de grandes avenidas, novo porto e edifícios monumentais; o alargamento, alinhamento e pavimentação de ruas e a expansão do serviço de bondes. Essas mudanças provocam o deslocamento das camadas pobres e trabalhadoras para

os subúrbios e encostas dos morros e são acompanhadas de medidas higienizadoras que proibiam a criação de animais e a circulação de vendedores ambulantes e mendigos no centro da cidade (PINHEIRO, 2002, p. 163).

Diante disso, percebemos que essa modernização objetivava a destruição de vestígios do passado colonial da cidade, esconder seus sinais de pobreza, satisfazer os interesses financeiros de suas elites e construir uma imagem de nação moderna para o Brasil.

Como Lima Barreto via na literatura a função de reforçar a solidariedade entre os homens, explicando-lhes seus defeitos e zombando dos motivos fúteis que os separavam, essa remodelação da cidade do Rio de Janeiro se apresentou como um terreno fértil para o desenvolvimento dos objetivos de sua escrita. Isso se deve ao fato de que ela promoveu uma maior segregação social, refletindo na organização do espaço urbano a ordem pretendida pelo regime republicano.

A partir das suas personagens e das suas opiniões expressas em crônicas, artigos de jornais e anotações íntimas, Lima Barreto constrói imagens textuais que nos fazem percorrer esse Rio modernizado. A partir delas, tece uma discussão sobre a constituição da tão proclamada chegada da civilização no Brasil que era defendida por boa parte dos literatos de sua época bem como pelas elites política e econômica do país.

O grande veículo que possibilitava o diálogo entre a produção fortemente contestadora de Lima Barreto e dos demais literatos era a imprensa. A imprensa foi responsável pela publicação de muitas obras literárias e pelo meio de sobrevivência para autores que lhe prestavam serviços com a produção de reportagens, críticas literárias, crônicas e contos. Além disso, nesse início de século XX, teve papel importante na divulgação de novos hábitos de consumo, novas práticas de diversão bem como veículo de apoio ou oposição política (MARTINS; LUCA, 2006, p. 43).

E é justamente em seu trabalho na imprensa que encontramos Lima Barreto em março de 1921, em uma crônica publicada na revista *Careta*. Nesta crônica, intitulada “Leitura de Jornais”, Barreto (1961c, p. 103-106) tece comentários sobre o embelezamento da cidade a partir de notícias veiculadas por dois jornais da época, afirmando, logo de início, que esse embelezamento ia além das “questões de higiene e de assistência que elas também reclamam” (BARRETO, 1961c, p. 103).

A fim de comprovar sua afirmação de que, depois da proclamação da República, passamos a obedecer à regra seguida “no mundo inteiro” de erguer monumentos, porém “com o caráter cenográfico, que nos é próprio”, Lima Barreto (1961c, p. 103) destaca a notícia do *O Jornal* que lamentava que o governo não tivesse realizado a construção de um “*stadium*” no

Leblon (bairro da zona sul do Rio e um dos locais de residência das famílias abastadas). Depois, discute outra publicada no jornal *O Dia* que relatava a condição deplorável de habitações populares no Rio e a solução encontrada pelo governo de Buenos Aires (exemplo de cidade moderna, civilizada na América Latina naquele momento) que ofereceu casas com ótimas condições para seus moradores (BARRETO, 1961c, p. 104).

Com boa dose de ironia, Barreto denuncia o descaso do governo pelos menos favorecidos, o caráter elitista e autoritário da modernização da cidade, evocando os acontecimentos da Revolta da Vacina de 1904 e, com isso, fornecendo ao leitor uma versão diferente em relação à divulgada pelo poder estatal no início do século para justificar a vacinação obrigatória. Além disso, deixa explícita a tensão presente na sociedade carioca quanto aos “melhoramentos” na cidade.

A preocupação com o caráter cenográfico da modernização da cidade que aparece nessa crônica “Leitura de Jornais” é algo presente no autor desde o início da reforma do prefeito Pereira Passos. Em suas anotações pessoais de janeiro de 1905, Lima Barreto (1961a, p. 91-92) registra a sua passagem, no dia 26 de janeiro, pelo centro da cidade e identifica algumas modificações nas ruas.

Ele reconhece que as modificações tornarão o ambiente belo, porém acredita “que o Rio, o meu tolerante, bom e relaxado, belo e sujo, esquisito e harmônico, [...] vai perder, se não lhe vier em troca um grande surto industrial e comercial; com suas ruas largas e sem ele, será uma aldeia pretensiosa de galante e distinta, [...]” (BARRETO, 1961a, p. 92).

A perspectiva apresentada pela imprensa através da manchete “As festas da República” do jornal *A Tribuna* do dia 16 de nov. 1905 (Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj11.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2008) e da crônica assinada por Bilac intitulada “Inauguração da Avenida” (BILAC, 1996, p. 260-267) e publicada na *Gazeta de Notícias* (19 de nov. 1905), ambas referentes à inauguração da Avenida Central ocorrida no dia 15 nov. 1905, é bem otimista quanto à modernização da cidade, se comparada com a impressão de Lima Barreto meses antes, acima demonstrada, na qual imperava a dúvida.

O jornal *A Tribuna* aponta a inauguração da “monumental Avenida” como algo que bem caracteriza o aniversário da República e “a aurora luminosa de um futuro grandioso”, lamentando apenas que o entusiasmo popular não pôde corresponder às expectativas devido à forte chuva que caiu no dia da inauguração.

Já Bilac (1996) narra, em sua crônica, a admiração do povo pela avenida e explica que, se até aquele momento não houve aclamações, isso devia ao choque que aquele ambiente

moderno provocara, salientado que esperava uma “revolução moral e intelectual” da população “em virtude da reforma material da cidade” (BILAC, 1996, p. 265-266).

Lima Barreto, no entanto, aprofunda mais a sua visão crítica com o passar dos anos e procura discutir os referenciais que eram tomados como representativos de uma nação moderna. Como um dos momentos dessa discussão, podemos destacar o diálogo presente no capítulo XII do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) no qual Barreto realiza uma análise acerca dos referenciais tomados como representativos de uma nação moderna. Conforme aparece no texto do romance, em plena redação do jornal *O Globo* (referência ao grande jornal da época *Correio da Manhã* do advogado Edmundo Bittencourt), estabelece-se uma discussão entre os jornalistas a respeito da “lei dos sapatos obrigatórios”. Floc, um dos jornalistas, defende-a: “[...] a cousa é necessária... Causa má impressão ver essa gente descalça... Isso só nos países atrasados! Eu nunca vi isso na Europa...” (BARRETO, s/d, p. 181). Gregoróvich, outro jornalista, contra-argumenta de forma contundente:

- Ora, deixa-te disso, Floc! Observou Gregoróvich que entrava. No norte, é justo, o clima, o gelo, mas no sul, em Nápoles, na Grécia, vê-se muito...
- Isso não é Europa
- Engraçado! Com que liberdade modificas a geografia... E em Londres?
- Que tem Londres?
- Que tem! Não há cidade do mundo em que a multidão seja mais andrajosa, mais repugnante...
- Andam de casaco e sapatos! Gritou triunfantemente Floc.
- Que casaco! Que sapatos! Naturalmente que hão de procurar coberturas para o frio, mas onde vão buscá-las? Ao lixo é um disparate! Se queres uma multidão catita, arranja meios de serem todos remediados. Vocês querem fazer disto uma Paris em que se chegue sem gastar a importância da passagem ao mesmo tempo ganhando dinheiro, e esquecer de que o deserto cerca a cidade, não há lavoura, não há trabalho enfim... (BARRETO, s/d, p. 181).

Esse diálogo evidencia a percepção de Lima Barreto da apropriação das elites brasileiras (simbolizada pelo discurso de Floc) de fragmentos da realidade europeia – uma verdadeira seleção realizada daquela realidade – a fim de utilizá-la como referencial para a construção da imagem de país moderno para o Brasil.

Desse modo, Lima Barreto procura evitar a descaracterização de sua cidade, destacando outros espaços do Rio de Janeiro que foram “ofuscados” com a modernização do seu centro. Para isso, ele promove caminhadas pela cidade através de seus personagens como, por exemplo, no romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) com os personagens Augusto Machado e Gonzaga de Sá.

O senhor Gonzaga de Sá convida seu amigo Augusto Machado a ir ao subúrbio do Engenho da Penha. Ao desconhecimento de Augusto Machado dessa localidade, Gonzaga de Sá responde em tom de repreensão: “Vocês só conhecem a Tijuca e o Botafogo. O Rio tem mais coisas belas... É ali. E apontou para o lado dos Órgãos. [...]” (BARRETO, 1961d, p. 58).

Dessa forma, Gonzaga procura deslocar o olhar de seu amigo para outra área da cidade. Para que possamos compreender melhor a seleção espacial que Gonzaga de Sá procura realizar, vamos nos deter, inicialmente, em alguns aspectos daquela parte do Rio que esse personagem quer tirar do foco de seu amigo. A Tijuca, localizada na zona norte da cidade, ainda no século XIX, era uma área com muitas chácaras pertencentes a membros da aristocracia imperial e visitada por muitos estrangeiros, principalmente por suas partes altas, que serviam como mirantes para apreciação de algumas belezas naturais da cidade (GERSON, 2000, p. 348-349).

Essas visitas na Tijuca receberam, no início do século XX, o incentivo do prefeito Pereira Passos que reconstruiu a velha estrada que dava acesso ao mirante do Alto da Boa Vista (embora de saibro) e providenciou um quiosque de estilo chinês para o mirante da Vista Chinesa. A localidade da Tijuca, nesse início de século XX, também manteve seu “quê de aristocrático”, possuindo “um importante clube recreativo e esportivo”: o Tijuca Law-Tennis Club, fundado em 1915.

Já Botafogo, na zona sul do Rio, foi uma das áreas de especulação imobiliária e atrativa das altas camadas da sociedade carioca, que, como vimos, beneficiou-se de linha de bondes e da construção da Avenida Beira-Mar com seus belos jardins, praças e palacetes modernos nos quais se davam bailes elegantes.

Gonzaga, então, leva seu amigo para uma das áreas menos assistidas pelo poder público e com grande contingente de trabalhadores e pobres. Para chegar ao destino sugerido – eles já se encontravam numa antiga porta da cidade, nas proximidades do que tinha sido a Fazenda Real de Santa Cruz, o Pedregulho (BARRETO, 1994, p. 17) –, pegam um trem de Petrópolis, através das janelas do qual Augusto Machado olhava a paisagem suburbana, atribuindo-lhe uma característica desoladora. Ao saltar, vão a um botequim tomar cerveja e Gonzaga o intima: “– Tens que andar um pouco a pé...” (BARRETO, 1961d, p. 59). Augusto concorda e iniciam a marcha pelo subúrbio.

Esse percurso realizado pelos personagens barretianos apresenta alguns sinais da proposta desse autor ao caminhar pela cidade. Primeiramente, é emblemática a escolha de Gonzaga de Sá em dirigir-se a um botequim logo ao chegarem ao subúrbio. Segundo Chalhoub (2001, p. 213), o botequim era como um centro aglutinador e difusor de

informações entre os populares e é justamente nesse local que Gonzaga fornece uma “dica” preciosa para Augusto: “Tens que andar...”. Metaforicamente, a “tática” que Gonzaga utiliza para apreender a cidade.

Nessa caminhada pelo subúrbio, Gonzaga revela a sua visão da cidade do Rio de Janeiro e seu sentimento de pertencimento a ela: “[...] Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus “galegos” também...” (BARRETO, 1961d, p. 59). Gonzaga de Sá vê, então, a capital federal como uma cidade multifacetada e esse primeiro percurso realizado pelos personagens sinaliza, indiretamente, o subúrbio como o local que concentra a “alma” desta cidade.

Além disso, se voltarmos para o início da caminhada, quando Gonzaga repreende Augusto Machado, notaremos que aquele personagem se dirige ao outro por “vocês”. Se associarmos isso com o nome Augusto Machado, poderemos perceber que talvez Lima estivesse propondo um redirecionamento do olhar dos escritores da Academia Brasileira de Letras em relação à cidade do Rio de Janeiro.

Vejamos: Augusto é sinônimo de venerando, elevado, grandioso e Machado pode ser uma alusão a Machado de Assis que era o escritor mais reconhecido, membro-fundador da ABL, e com uma escrita que apresentava certos traços discutíveis por Lima Barreto. Em contraposição, Lima cria um personagem, responsável por aquele redirecionamento, descendente dos primeiros governantes da cidade -“eu sou Sá, nobre, fidalgo, escudeiro, etc., pois descendo de Salvador de Sá, etc.” (BARRETO, 1961d, p. 57-58) - e identificado com os diversos grupos étnicos que a formaram.

Um outro aspecto que pode ser observado nesse início de caminhada é a própria indicação de Gonzaga da necessidade de caminhar, pois, andando a pé e rejeitando os veículos modernos, poderia se ter uma outra perspectiva da cidade. Esta não seria distanciada, procuraria situar o caminhante no mesmo plano daquilo que vê, sem hierarquias. Ou seja, uma alternativa de locomoção na modernizada cidade do Rio de Janeiro, com sua segregação espacial, que permitia uma apreensão de outros aspectos do espaço urbano desprestigiados pelas elites. Mas, continuemos a caminhada.

Por esse tempo desembocávamos diante do mar [].¹
Parecia mesmo um rio. Na frente, margem esquerda, o manicômio com suas vertustas mangueiras joaninas e seu campo liso e arenoso. Um ilhote que ficava no meio do canal tinha ainda em pé as paredes de um sobrado. Perguntei o que era aquilo a Gonzaga (BARRETO, 1961d, p. 60-61).

¹ Engenho da Penha fica à margem de um canal que separa a Ilha do Governador da terra firme.

Nesse momento, podemos considerar que se inicia um passeio que tem a função de conhecimento, ou melhor, de ensinamento, pois não há imposição de uma direção, sendo o objetivo de Lima Barreto dar a conhecer a seu público a história da cidade.

Nesse sentido, Gonzaga responde:

- É o Cambenbe. Aquelas paredes foram de um sobrado em cujo andar térreo havia uma venda.
- Ali? Para que?
- Antes das estradas de ferro, as comunicações com o interior se faziam pelo fundo da baía, por Inhomirim, porto da Estrela, hoje tapera; e daí até ao cais dos Mineiros, em faluas que passam por aqui. Os tripulantes destas é que sustentavam a venda que existiu há cinqüenta anos naquele ilhéu sem uma árvore (BARRETO, 1961d, p. 61).

Esse passeio segue nas páginas seguintes, quando Augusto critica aspectos da cidade do Rio de Janeiro relativos à sua distribuição espacial, considerando-a um empecilho para sua transformação numa “grande capital, movimentada densamente” (BARRETO, 1961d, p. 64). Diante dessa afirmação, Gonzaga explica:

- Pense que toda a cidade deve ter sua fisionomia própria. Isso de todos se parecerem é gosto dos Estados Unidos; e Deus me livre que tal peste venha a pegar-nos. O Rio, meu caro Machado, é lógico com ele mesmo, como a sua baía o é com ela mesma; e o Rio o é também porque está de acordo com o local em que se assentou. [...] (BARRETO, 1961d, p. 65).

A partir disso, Gonzaga continua sua exposição sobre a formação da cidade do Rio de Janeiro, na qual nos detemos em dois pontos que sintetizam, de certa forma, a complexidade da paisagem urbana e a maneira como devemos orientar nosso olhar para compreendê-la.

Vamos ao primeiro:

Vamos às casas e aos bairros. Um observador perspicaz não precisa ler, ao alto, entre os ornatos de estoque, para saber quando uma delas foi edificada. Esse casarão que contemplamos a custo na Rua da Alfândega ou General Câmara é dos primeiros anos da nossa vida independente (BARRETO, 1961d, p. 67).

O segundo:

O tráfico de escravos imprimiu ao Valongo e aos morros da Saúde alguma coisa de aringa africana; e a melancolia dos cais dos Mineiros é saudade das ricas faluas, jejudas de mercadorias, que não lhe chegam mais de Inhomirim e da Estrela (BARRETO, 1961d, p. 67).

Com esses dois pontos, percebemos a proposta de Lima Barreto em “educar” os leitores para a observação das várias cidades existentes na cidade do Rio de Janeiro, contrapondo-se ao imaginário dominante que buscava imprimir nossa identidade, naquele momento, a partir da modernização do centro, o que, por sua vez, escancarava o objetivo das elites em minimizar a participação de outros segmentos da cidade da participação na sua constituição. Daí o destaque que Lima deu ao Valongo e à Saúde, com sua população composta, em grande parte, de negros (GERSON, 2000, p. 145-150).

Nesse sentido, Lima, ao percorrer as ruas com a curiosidade escrutinadora de um *flâneur*, apresenta uma alternativa à padronização cultural almejada pelos executores e defensores do processo de modernização da cidade.

Os argumentos desenvolvidos por Lima Barreto em relação à modernização da cidade do Rio de Janeiro, portanto, leva-nos a percebê-lo como um autor que construiu sua obra num momento de intensa disputa pela conformação de uma imagem moderna para o país. Nessa luta, ele se mostrou interessado em desconstruir os discursos em prol da modernização de literatos com grande destaque na vida cultural carioca e demonstrar os interesses financeiros e de padronização cultural das elites.

A obra de Lima Barreto, desse modo, configura-se como uma fonte importante para o historiador que procura compreender as experiências daqueles sujeitos inundados por uma onda modernizante excludente que visava modificar, como num passe de mágica, suas vidas na capital federal do país no início do século XX.

Referências

A TRIBUNA. Rio de Janeiro, 16 nov. 1905. In: WEGUELIN, João Marcos. *Rio de Janeiro através dos jornais*. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj11.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2008.

BARBOSA, F.A. *A vida de Lima Barreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1975.

BARRETO, L. *Diário Íntimo: memórias*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a.

_____. *Impressões de Leitura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b.

_____. *Feiras e Mafuás*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c.

_____. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961d.

_____. *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. Erechim: EDELBRA, s/d.

_____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Scipione, 1994. (Col. Clássicos da Scipione).

BENCHIMOL, J. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucílio. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da república à revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 233–286.

BILAC, O. *Vossa insolência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

GERSON, B. *História das ruas do Rio: e de sua liderança na história política do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 2000.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: UNESP, 2006.

PINHEIRO, E. P. *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*. Salvador: EDUFBA, 2002.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.